

## ESPAÇO

JORNALISTA MARTINS DE VASCONCELOS



Organização: Clauder Arcanjo

clauderarcujo@gmail.com

# O Tempo, a Ampulheta, o Calendário, o Relógio... e a Vida

## ÂNGELA RODRIGUES GURGEL

Autora de Ensaio Poético e Confissões Crônicas, idealizadora da confraria Café & Poesia.

angelargurgel@gmail.com



Rubem Alves, em uma de suas belíssimas crônicas, intitulada “O Tempo”, afirma que “relógio é o tempo do dever: corpo engaiolado”. Fascinada que sou por esse tema, sempre volto a essa crônica para saborear a deliciosa escrita desse autor que tanto nos ensinou sobre o tempo e sua fugacidade. Tema discutido por físicos, filósofos e teólogos, o tempo escapa dos conceitos precisos. Podemos cronometr-lo, é verdade, mas nenhuma equação consegue expressar a sua natureza ou delimitar, de forma inquestionável, os seus limites. No entanto o homem, sedento de respostas, criou ampulhetas, relógios, cronômetros e calendários, artefatos capazes de “marcar” o tempo. Toda essa tecnologia é capaz de medir os segundos, minutos, dias, meses, anos, séculos etc. Pedacos de tempo feitos de uma mesma substância: números. Uma sucessão fria e indiferente de momentos que nada dizem sobre sentimentos. Sensações. Emoções. Vida. Um tempo em que a alma não encontra morada.

Mas há um tempo, medido pelas batidas do coração, onde a vida, indiferente aos marcadores, acontece. Um tempo em que os minutos viram séculos, horas se confundem com uma vida, anos parecem voar e um único dia parece uma eternidade. Um tempo de significados e ressignificações. Tempo de viver! Um tempo que, não cabendo nas ampulhetas, relógios, cronômetros e calendários, precisa pedir socorro a arte para falar de amor, saudade, sonhos e poesia. Recentemente

tive o privilégio de participar de um evento que nos proporcionou uma experiência inesquecível acerca do tempo: essa coisa que, dizem, não existe em si.

Trabalho em uma instituição de ensino superior na qual nada é feito ao acaso. Tudo é pensado de forma articulada e interligada à nossa proposta de um ensino humanizado onde a arte é um dos canais pelo qual circulam as ideias que constroem a proposta de uma educação que vislumbra a poética da existência humana e o sentido do Ser no mundo. Nosso Congresso Nacional de Ciência e Educação – CONCED, que já trabalhou os temas “Educação e Humanização: Poética da Condição Humana”, “Educação e Humanização do Saber: a arte de tecer afetos”, “Razão e Emoção: pela linguagem dos afetos e a sensibilização dos conhecimentos”, “Educação e felicidade, da poética do ser à arte de viver” nas edições I, II, III e IV, respectivamente, trouxe em sua quinta edição o tema: “Educação para a arte de humanizar e reinventar o tempo”.

A palestra de abertura foi feita pelo Reitor, Pe. Charles Lamartine, que fez uma rápida (olha o tempo se interpondo), porém profunda, introdução sobre o tema (essa fala merece uma ensaio) e, em seguida, tivemos a apresentação do belíssimo espetáculo “Um Passeio no Tempo”, preparado pelo Coral Ângelus, sob a regência de Ionete Maressa, e o Dioecena, dirigido por Roberta Schumara. Impossível traduzir em um texto o que foi esse espetáculo. O tempo, naquele momen-

to, não precisou de marcadores; o cronômetro foi substituído pelas emoções que fluíam em forma de suspiros, lágrimas, aplausos, sorrisos, dança, emoção. O ambiente parecia vestido de uma magia que não cabia em palavras. No palco, os artistas se revezavam entre narrativas, músicas e coreografias brincantes, que nos transportavam em seus acordes e letras, de uma década para outra em questão de segundos. Foi lindo. Emocionante. Envolvente.

Durante a homenagem feita a Pe. Sático Cavalcanti Dantas, nosso para todo sempre Apóstolo da Educação, diretor fundador da IES e a Pe. Philippe Villeneuve, os aplausos pareciam se sobrepor às músicas, e as lágrimas corriam livremente pelas janelas da alma. Mesmo aqueles que não tiveram o privilégio de conviver com esses dois religiosos tão importantes para a história de nossa UniCatólica pareciam inebriados pelo sentimento de pertença que o espetáculo proporcionava ao público presente naquele salão iluminado por uma beleza que não vinha somente dos refletores, mas da dinâmica do encontro com o belo, o verdadeiro, o real sentido do tempo que envolvia a plateia numa espécie de êxtase coletivo.

Tal qual uma cena patrocinada pela magia, a arte fez o tempo parar e correr na mesma velocidade, proporcionando ao público a sen-

sação de mergulhar no passado e no presente no mesmo instante. A precisão dos números, que marca o tempo dos relógios, foi substituída por uma espécie de transe onde não nos cabia saber se era cedo ou tarde, só importavam as vozes de Aderson Faustino, Alana Kelly, Allyce Kauane, Bia Gurgel, Carlos Itamicy, Camilly Gabrielly, Ibiapino Neto, Kadidja Maia, Kelly Lira, Leonilson Junior, Marcos Júnior, Monikelly Paiva, Nida Lira e Ricardo Borges, interpretando canções que evocavam nossas memórias afetivas e foram belamente coreografadas pelos talentosos dançarinos do Dioecena.

Os acordes de Alex do Acordeom mexeram com nossas raízes nordestinas e nos transportaram para a mesa do café na varanda de nossas lembranças mais sagradas. As presenças marcantes da atriz Tony Silva e do professor Erismar Cunha pincelavam, com suas belas falas, a passagem do tempo; e, de súbito, foi anunciada a hora da despedida. O tempo passou. E, do início ao fim, fomos conduzidos pela emoção. Livres do relógio, essa gaiola do tempo, vivemos instantes marcado e sentido pelo corpo, com sabor de eternidade, esse tempo que pode ser um instante fugaz ou uma longa espera. Porém ali só o tempo do agora importava, não havia espera, as cenas eram cerzidas de forma precisa.

Sem nenhuma pressa de irmos embora olhávamos para o palco na esperança de esticarmos o tempo e, de novo, sermos arrebatados por outro turbilhão de beleza. Mas uma coisa é certa: há tempo de chegar e tempo de partir e, no intervalo entre esses tempos, que estão em permanente movimento circular, o fim que sempre volta ao início, apontando para a eterna possibilidade do recomeço, vamos colecionando os momentos marcados pela emoção e eternizando-os nos recônditos mais sagrados de nossas memórias afetivas.

Se alguém que assistiu ao espetáculo está lendo esta crônica já deve ter imaginado, ela se esqueceu de uma cena brilhante. Não, não esqueci. Deixei por último de propósito e uso um verso de Fernando Pessoa: “Grande é a poesia, a bondade e as danças... Mas o melhor do mundo são as crianças” para homenagear as crianças Laura Ramos, Luiz Heitor e Maria Júlia que nos conduziram ao tempo das brincadeiras, da inocência, da pureza. Um tempo em que a vida não tem pressa, nem compromisso com o tempo dos relógios. Um tempo de viver, acreditar e sonhar.

Obrigada, Coral Ângelus e Dioecena, por nos conduzirem, sem sobressaltos, mas com muitas paradas para reflexões e transformações, durante esse magnífico PASSEIO PELO TEMPO.



## De Fato.com

Um produto da Santos Editora de Jornais Ltda.. Fundado em 28 de agosto de 2000, por César Santos e Carlos Santos.

**Direção Geral:** César Santos

**Diretor de Redação:** César Santos

**Gerente Administrativa:** Ângela Karina

**Dep. de Assinaturas:** Alvanir Carlos

www.defato.com E-MAIL: redacao@defato.com

TWITTER: @jornaldefato\_rn

REDAÇÃO E OFICINAS: SEDE Avenida Rio Branco, 2203, Centro, Mossoró-RN – CEP: 59.063-160

TELEFONES: (084) 99836-5320 (Mossoró)

COMERCIAL/ASSINATURAS (84) 99956-4810 - (84) 99485-3685